

EJA PRISIONAL: A FIGURA DO PALHAÇO COMO ASPECTO MULTISSEMIÓTICO UTILIZADO POR APENADOS

Ana Cecylia de Assis e Sá; Keila Gabryelle Leal Aragão

Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy anacecylia@gmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba gabryelleal@gmail.com

Resumo: Partido da pergunta de pesquisa, “qual o significado da figura do palhaço enquanto aspecto multissemiótico de leitura e representação da identidade dos presos no espaço EJA prisional?”, este artigo tem como objetivo geral analisar o que representa a figura do palhaço para os apenados que usam esse tipo de tatuagem e para a sociedade. A escolha desta temática foi devido às peculiaridades da simbologia das tatuagens apresentadas nos corpos da maioria da população carcerária, bem como devido ao contexto de EJA prisional, no qual os apenados são colocados em contato com os mais diversos tipos de letramento, mais especificamente às leituras não-verbais, a exemplo das tatuagens. Assim, esses traços chamaram muita atenção a respeito de sua aceção e seu valor perante cada indivíduo recluso, por isso sentimos a necessidade de colocar a tatuagem, enquanto leitura corporal, em estudo. Dessa maneira, foi feita uma relação da figura do palhaço como forma de comunicação e representação da identidade do preso dentro e fora da prisão. Partindo desses pressupostos, nos embasamos em Goffman, que trata especialmente das concepções de representação e estigma dos apenados; bem como da concepção de “multissemioses”, à luz dos estudos de Koch (2008). Metodologicamente, foi realizada uma pesquisa qualitativa, na modalidade pesquisa de campo, que teve como base e fundamentação a contribuição dos apenados participantes da EJA Prisional, do centro de detenção provisória de Macau/RN. Em síntese, identificamos que os apenados que utilizam a tatuagem do palhaço nem sempre têm consciência de sua representação. Assim, a utilização deste tipo de tatuagem é uma forma de identificação individual e grupal, na qual a figura do palhaço tem significados diferentes para os presos que a utilizam como tatuagem e para a sociedade em geral: a mais conhecida é “matador de policiais”. Por fim, é preciso conhecer os diversos significados que a tatuagem pode representar, visto que se trata de uma semiose e está vulnerável às distintas interpretações, tal como foi demonstrado acerca da imagem do palhaço, não mais como uma figura infantil, mas como marca de aceitação dentro do espaço prisional e do contexto criminal.

Palavras-chave: Leitura corporal, Multissemioses, EJA Prisional, Figura do Palhaço.

Introdução

A tatuagem, historicamente, possui inúmeros significados, esta pintura na derme já foi utilizada em épocas atrás para demonstrar socialmente a que grupo cultural, atividades e ideologias pertenciam o indivíduo. Em épocas passadas, certos tipos de tatuagens eram uma forma de expressão usada por indivíduos que era centrada precipuamente no agrupamento de ideologia, de cultura, de grupos e tribos. Hoje não há como querer distinguir um grupo de tatuados relacionados a sexo, idade, classe social ou até moda. Não podemos mais utilizar tal estigma de que a tatuagem conjugada ao cabelo comprido caracteriza um *heavy metal*. Muitos profissionais ou artistas aderem a essa união, bem como intelectuais, professores, policiais, entre tantos outros seres humanos que possuem um dragão estampado no corpo.

Especificamente no sentido prisional, podemos caracterizar tais marcas como códigos ou linguagem corporal para denegrir a conduta do apenado

perante os demais, tendo assim este, um “tratamento condizente” no seu ambiente prisional. Demais cadeeiros esculpem tais marcas no corpo para enaltecer sua postura dentro do Sistema, é uma forma de imposição e de autoridade perante os demais apenados. São presos que merecem “respeito” perante os demais pela barbaridade dos crimes praticados, são participantes de facções criminosas, chefes de quadrilhas que comandam o crime organizado em grandes morros de extensas cidades, favelas e até Estados da Federação. Seus crimes são os mais diversos possíveis, tráfico, homicídios, contrabando e os mais perversos.

Em face do exposto, ao tratar da tatuagem, identificamos uma forte marca de uma figura específica: a do palhaço. Mesmo que, para crianças, o palhaço possa representar algo lúdico, brincalhão e amigo de todos, talvez não seja este mesmo significado encontrado nas tatuagens feitas por apenados. A forte influência do “Coringa”, personagem mundialmente conhecida através do filme “Batman”, já muda este paradigma de “bom moço” que está ligado à interpretação habitual que se tem de um palhaço.

Sendo assim, por tais motivos acima elencados, sentimos necessidade de descobrir que significados estão por trás dessa figura, a partir da pergunta de pesquisa: qual o significado da figura do palhaço enquanto forma de comunicação e representação da identidade dos presos no espaço prisional?

Como objetivos desta pesquisa, temos como geral analisar o que representa a figura do palhaço para os apenados que usam esse tipo de tatuagem e a representação dessa figura na sociedade. Como objetivos específicos, verificar como os apenados que utilizam a tatuagem do palhaço percebem a representação desse símbolo; relacionar a simbologia do palhaço junto aos presos, funcionários do sistema prisional, estudiosos e demais conhecedores desse tipo de marca corporal; conferir como a tatuagem se constitui numa forma de linguagem, leitura, comunicação e identidade do preso, participante do contexto de EJA dentro do sistema prisional.

A escolha desta temática para o trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase no Sistema Prisional foi devido às peculiaridades da simbologia das tatuagens apresentadas nos corpos da maioria da população carcerária; além disso, os múltiplos letramentos são identificados no processo de EJA prisional, já que a leitura não-verbal é identificada como forma promissora para a alfabetização.

Para essa pesquisa nos deteremos na leitura e representação da figura do palhaço para os apenados do sistema prisional e o que representa essa figura para a sociedade em geral. Dessa maneira, cabe fazer uma relação da figura do palhaço como

forma de leitura/comunicação e representação da identidade do preso dentro e fora da prisão. Assim, buscamos respostas juntos aos presos que utilizam a tatuagem do palhaço, estudiosos da história das tatuagens em diversas épocas e sociedades e conhecedores da simbologia das tatuagens, de modo a conhecer a sua representação e as suas distintas semioses.

A presente metodologia teve como base e fundamentação a contribuição dos apenados participantes da EJA prisional, do centro de detenção provisória de Macau/RN. Deste modo, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, na modalidade pesquisa de campo, já que foi feita uma intervenção diretamente nos espaços acima mencionados. Foram realizadas pesquisas espontâneas com os detentos, de modo a reconhecer os distintos significados a partir da leitura de tatuagens na pele desses indivíduos.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Aspectos da leitura multissemiótica relacionada à figura do palhaço

Nos últimos tempos, diversos linguistas têm se preocupado com o estudo do texto enquanto unidade de análise da língua, na área denominada Linguística Textual. Assim, podemos ressaltar estudiosos como Halliday e Hasan (1985), Koch (2000) e tantos outros, não mencionados, mas que têm discutido a constituição e a produção de sentido do texto. Logo, as diversas analogias adotadas pelos linguistas possibilitam o surgimento de várias definições para o termo “texto”. Dentre as acepções para o termo, a definição de Koch (2008) se aproxima da visão assumida nesse estudo, no sentido das diversas leituras e sentidos possíveis num texto:

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido. (KOCH, 2008, p.30)

Portanto, essa concepção de texto subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. Essa acepção abarca a definição de texto contemporâneo, pois o texto, hoje, não se limita somente a uma sequência de palavras e frases, mas surgem outros aspectos não-verbais. Pela perspectiva multimodal, a produção de um texto é composta por vários modos e meios semióticos (desenhos, pinturas, tatuagens), embora um seja preponderante, e a produção de

sentido sempre acontece em um determinado domínio social, o qual adapta o recurso utilizado. Por isso, o significado de multimodal não se forma apenas pela junção de modos linguísticos, visuais ou gestuais, mas envolve também integração e interpretação de situações (tal como a figura do palhaço grafada na pele de detentos).

Por sua vez, essas semioses colocam em foco a necessidade de se rediscutir questões relativas à leitura, uma vez que nos textos que circulam socialmente (na multimodalidade), encontramos as modalidades de linguagem verbal (oral e escrita) e não-verbal, que exploram também a multissemiose, ou seja, exploram um conjunto de signos/linguagens (ROJO, 2009).

Em uma sociedade do conhecimento, em que há uma multiplicidade de informações disponíveis aos leitores, os textos multissemióticos permitem representar imagetivamente uma informação, de modo que esse leitor tenha, além do texto verbal, recursos visuais que o auxiliarão na leitura e compreensão do conteúdo em questão. Assim, as imagens, as cores, os tipos de letras também são portadores de sentido e precisam ser lidos e interpretados; trazem informações que precisam de ser inferidas.

2.2 Leitura não-verbal: a figura do palhaço em tatuagens

A tatuagem é um hábito milenar; logo, não há a menor noção de quando surgiu esta cultura de marcas corporais na derme na história da humanidade. Este hábito foi utilizado em várias conjunturas do tempo para demonstrar diversas realidades diferentes. Cada cultura, em cada região do planeta, utilizou a tatuagem de um modo significativo no seu contexto social.

Historicamente, a tatuagem, marcas na derme, já foi utilizada como linguagem codificada no mundo da criminalidade; pintada no rosto para imitar invasores; marcada no corpo como forma de punição, como símbolos, como medalhas de honra; utilizadas em rituais, como origem de povos, significado de culturas, atrações de circos e para marcar membros de gangues. Após o exposto, no mundo contemporâneo, as tatuagens passaram a ser esculpidas de forma mais bem elaboradas, com máquinas elétricas apropriadas, fabricadas especialmente para desenhar em marinheiros, soldados, artistas de circos e hippies.

Destarte, as imagens cravadas na pele têm sido frequentemente ligadas à punição e a comportamentos marginais. Ademais, em algumas sociedades, mesmo na atualidade, os adornos continuam ligados a grupos sociais mal vistos, de tal forma que a associação entre tatuagens e prisioneiros é imediata (CHAVES, 2012; PAREDES, 2003). Um tatuador da época relatou em seus diários que sua loja, como a maioria das

lojas de tatuagens da época, era frequentada por gangues, “ao ponto de polícia procurar pelos tatuadores para saber o paradeiro de certos fugitivos” (OSÓRIO, 2006, p. 28). Algumas culturas ainda consideram marcas corporais indelévels como tabu, sendo constantemente apontadas como frutos de criminalidade e de camadas baixas.

Logo, no que tange à imagem do palhaço, esse é visto como uma figura cômica para a sociedade liberta, ícone de risadas e diversão; por outro lado, esta mesma figura se apresenta para os seres da criminalidade como forma de monstro, com ar tenebroso, que tem em sua imagem de diversas formas diferentes (dando risadas, com armas na mão, jogando dados e cartas, chorando, sangrentos, com cara de mal...), estampadas no corpo do presidiário que ostenta seus trunfos criminais: matador de policiais (ACADEMIA DE CIRCO, 2011). Logo, no que diz respeito às diversas possibilidades de leitura a um texto multissemiótico, a figura do palhaço se configura como tal, já que pode representar situações sociais distintas.

2.2 A noção de estigma

Goffman (2009) observa o ser humano em seu entorno social, a partir da perspectiva da “representação” ou encenação social, entendida como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (p. 29).

Alguns tradutores, no curso das traduções dos textos de Goffman, tendem a utilizar o termo “fachada”, no lugar de *face*, no original em inglês, visto que, para eles, não se utiliza este termo com a conotação que Goffman emprega, que poderia ser resumida, de forma um pouco imprecisa, como “respeito próprio”. Em português, dos significados atribuídos à *face*, encontramos, no Dicionário Aurélio (1993, p.242), as noções de *sf. 1. Parte lateral da cara; Aspecto; faceta, fachada, cara*; o termo *fachada*, por sua vez, ganha o significado de *sf. Faces; aparência* (SÁ, 2012). Segundo Sá (2012),

As palavras “fachada” e “face” são tratadas como sinônimos o tempo todo, por isso consideramos não haver necessidade de tamanha discussão. Na verdade, trata-se de um termo de tradução particularmente complicada, visto que ele é usado em contextos variados com significados variados (p.20).

A partir deste contexto de *face*, Goffman também elabora a noção de estigma, que serve para identificar quase todos os seres humanos. Assim, faz-se mister definir o que é estigma na visão deste autor, “trata-se de traços pessoais ou

impessoais da característica externa ou interna que identificaria um sinal de graça divina ou uma alusão médica a um distúrbio, ou como um marginal castigado por sua atitude” (GOFFMAN, 2008, p 11-12) . Sendo assim, é possível entender que estigma são os traços caracterizados no fenótipo de um indivíduo que o identifica perante uma sociedade, diferenciando-o dos ditos “normais”. Esse estigma pode ou não ter ocorrido em decorrência de uma ação natural ou causada por outrem.

Segundo este autor (op cit.), as relações mistas (entre normais e estigmatizados) se apresentam de forma desconfortável para ambos, primeiro porque os normais não conseguem enxergar os estigmatizados como normais, segundo porque os estigmatizados sempre se colocam em posição de retaguarda. Por isso, "a previsão de tais contatos pode levar os normais e os estigmatizados a esquematizar a vida de forma a evitá-lo" (p. 22).

Cabe mencionar, por fim, estigmatizados ou não, o indivíduo sempre acaba exercendo a identidade de papéis nas relações sociais: ora uma pessoa comum pode portar-se como uma pessoa desviante de sua conduta e vice-versa, ora uma pessoa estigmatizada pode vir a ser ou se comportar como uma pessoa normal e vice-versa.

Essa troca de papéis está explícita quando Goffman (2008, p. 143) aponta a existência da unidade eu-outro, normal-estigmatizado, na qual "o indivíduo estigmatizado pode desempenhar ambos os papéis, por isso não poder haver distinção”.

3 Métodos de Análise

A pesquisa aqui desenvolvida atua na modalidade pesquisa de campo, já que foi feita uma intervenção diretamente com os sujeitos no ambiente da pesquisa. Sendo assim, também podemos considerá-la qualitativa uma vez que considera que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 16).

Além disso, para o cumprimento dos objetivos ora sinalizados, nos enquadrámos numa pesquisa de base descritivo-interpretativa, calcada em procedimentos e métodos interpretativos dos significados e das ações de todos os sujeitos engajados na investigação (MOREIRA; CALEFFE, 2006). Assim, é partindo das premissas deste tipo de pesquisa que acreditamos que não podemos nos limitar à mera descrição dos dados obtidos, pois, além de descrevê-los, devemos, sobretudo, entendê-los, explicá-los, mostrar o que significam e de que maneira significam. Portanto, a ênfase nesse tipo de pesquisa está

na interpretação, na descoberta e no processo de indução das informações. (LAKATOS, 1991).

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo que procede à observação de fatos e fenômenos, exatamente como ocorrem no real; à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado.

A presente metodologia teve objeto de coletar dados a partir de entrevistas “espontâneas”, bem como a contribuição dos apenados do centro de detenção provisória de Macau/RN. A partir do recorte das respostas de dois desses apenados, pudemos estruturar a nossa análise e discussão dos dados. Os entrevistados foram A.J.S. (nome real), Mário Henrique da Silva (nome fantasia), 29 anos, homicida; e P. R.W. (nome real), Fernando Mendes Fernandes (nome fantasia), 20 anos, artigo 157, ambos detentos que faziam parte da EJA prisional, por isso o acesso mais facilitado a esses.

4 Análise dos Dados: Resultados e Discussões

Para a realização da entrevista, dadas as peculiaridades do espaço e da situação às quais os entrevistados estavam inseridos, as perguntas foram sendo feitas espontaneamente, seguindo o fluxo das respostas dadas.

De início, cabe mencionar que por um lado um dos apenados afirma não ter conhecimento prévio acerca do significado da semiose relacionada à figura do palhaço; por sua vez, o segundo apenado afirma ter conhecimento dos sentidos relacionados a esta imagem, conforme respostas:

Entrevistador: “Por que você fez esta tatuagem de palhaço?”

Entrevistado1: “Fiz na cela por influência, não tinha noção do que significava. Me arrependi muito porque dizem que essa tatuagem significa aquele que é ladrão e assassino de polícia, pelo o que eu sei é isso, significa matador de polícia e 157” (Código Penal Brasileiro, “Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa...”, é o chamado *Roubo*).

Entrevistador: “O que significa a tatuagem do palhaço?”

Entrevistado2: “O palhaço para mim significa 157(Código Penal Brasileiro, “Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa...”, é o chamado *Roubo*). Para a polícia significa matador de polícia. O palhaço tem dois significados, para nós significa quem gosta de roubar é o chamado *ladrão*, para a polícia significa *matador de polícia*.”

Com base nas respostas dadas, observamos que a imagem do palhaço é conhecida por ambos os detentos. O entrevistado 1, mesmo afirmando não saber o seu significado, em resposta posterior se contradiz, pois afirma, primeiramente, que teve conhecimento acerca do significado do palhaço ainda dentro do presídio, mas em oportunidade posterior informa que ficou sabendo após a sua saída, quando alguns familiares o alertaram:

Entrevistador: “Você foi informado, dentro da cadeia, sobre os significados da tatuagem?”

Entrevistado1: “Fui não Senhor, foi feita em apenas um dia, ela não foi nem pintada, não tive condições de apagar e nem de colocar outra por cima, o senhor pode ver, tá só o esqueleto, o tracejado, o rapaz estava até aprendendo a tatuar. Fiquei sabendo só depois de muito tempo, mas aí não tinha mais jeito. Já estava lá dentro mesmo, também não fazia mais diferença. Foi feita de graça, fui usado como bucha (significa cobaia).”

Entrevistador: “Qual era seu objetivo em se tatuar?”

Entrevistado1: “Não tinha objetivo nenhum, como eu disse, foi o pessoal da cela que estava fazendo, aí resolvi fazer também, não sabia o que significava, foi por influência doutor... Fiquei sabendo o que significava quando cheguei na rua, em casa, foi uma pessoa da minha família mesmo que falou”. (Aqui ele se contradiz, tinha dito antes que tinha ficado sabendo na própria cadeia).

O entrevistado 2, por sua vez, demonstra total conhecimento acerca dos significados, mas afirma que a imaturidade o fez optar por essa figura, pois o estigma o faz ser excluído de alguns grupos sociais. Assim, múltiplas leituras podem ser feitas acerca desse personagem, desde uma figura amada pelas crianças até aquela temida pela sociedade de modo geral. Logo, quando se trata do contexto de crime, o detento informa as diversas facetas desse personagem:

Entrevistador: O que significa os vários tipos de palhaços diferentes, na sua pele?

Entrevistado1: “Existem vários tipos de palhaço. O palhaço com arma na mão, com sangue nos dentes, sorrindo, chorando, com dados, com cartas, com granada, com os dentes grandes, sangrando, com bocas enormes... Pode ter palhaço até com uma bola de futebol na mão, mas o significado do palhaço tatuado em nós para a polícia é um só, significa matador de polícia. Pra mim significa 157, mas para polícia significa “matador de polícia”.

Entrevistador: Quando você fez essas tatuagens, você sabia o que significava?

Entrevistado2: “Eu tinha 15 anos quando fiz, eu era menor de idade. Não tinha nada na cabeça, vivia na SEDUC, não estava nem aí. Tinha medo não, mas hoje eu vi que o que eu fiz foi uma besteira, aonde eu chego porque tenho essa tatuagem é um motivo para apanhar, minha mãe pede direto para eu tirar, colocar uma santa por cima. Toda vez que eu mudo de casa (de Unidade Prisional) eu vou preparado para apanhar.”

Logo, sabendo que a leitura perpassa aspectos multissemióticos, conforme fundamentação deste trabalho, é possível afirmar que uma das leituras que se pode fazer, acerca da imagem do palhaço, quando relacionada às pessoas em situação prisional, é a de que são matadores de policiais. Assim, por esse estigma (GOFFMAN, 2011) que carregam, podem ser considerados superiores aos demais dentro do presídio, representando uma hierarquia. A esse respeito, cabe observar as perguntas e respostas abaixo:

Entrevistador: “A figura do palhaço tatuada em sua pele o faz superior dentro da cela?”

Entrevistado1: Ninguém manda, somos todos iguais. Tem um ano e dois meses que estou lá e até agora nunca me trataram com mais autoridade por ter essa tatuagem (“ano e dois meses” se refere ao tempo de prisão em Nata/RN, quando ele foi recapturado). Lá na cela já apareceu celular, faca, serra, mas eu não me misturo não, fico na minha.

Entrevistador: Essa tatuagem lhe dá alguma autoridade lá dentro?

Entrevistado2: “Dá não, você pode ter matado o Papa ou cem polícia, mas você não tem autoridade nenhuma. Temos apenas nossa lei, todo mundo respeita as leis. Lá dentro somos todos iguais. Pode ser grande, pequeno, com ou sem tatuagem, só se for um estuprador, aí as coisas mudam.”

Essas respostas nos mostram que mesmo o significado da leitura do palhaço tatuado na pele signifique “autoridade”, “coragem”, na maioria das vezes, “superioridade”, não é exatamente esse o sentido compreendido pelos apenados que possuem tal imagem na pele. Assim, apesar do significado já estigmatizado, os detentos muitas vezes optam pela imagem de modo aleatório, ou até pelo simples fato de serem aceitos ao entrarem no espaço prisional. Porém, ao serem vistos fora de tal espaço, a leitura feita pelas pessoas da sociedade livre encaminham ao significado literal: o de matadores de policiais; o que gera preconceito e afastamento social.

Vale salientar, ainda, que os apenados são estigmatizados pelo que tatuam no corpo. Então, mesmo que a intenção não seja de “demarcar território” enquanto matador de policiais, assim eles são vistos a partir do palhaço na pele. De acordo com a fala do entrevistado 2, assim como a fala do entrevistado 1, ambos demonstram arrependimento devido ao forte significado que carregam na pele.

Entrevistador: “Você se arrepende de ter tatuado a figura do palhaço?”

Entrevistado2: “Uma vez um polícia perto de mim disse que quem tem um palhaço não quer dizer que é matador de polícia não, quer dizer que tem vontade ou já matou polícia, mas não é matador não. Gostei do que ele disse. Eu sou ladrão, tenho palhaço e não sou matador.”

Considerações Finais

Após a análise dos dados, à luz dos diversos significados relacionados à leitura multissemiótica do palhaço tatuado na pele dos apenados, identificamos que nem sempre a atitude de tatuar tal imagem é consciente de sua representação. Logo, a utilização deste tipo de tatuagem é uma forma de identificação individual e grupal, de modo que a figura do palhaço tem significados diferentes para os presos que a utilizam como tatuagem e para a sociedade em geral.

Assim, cabe ressaltar que a tatuagem (do palhaço, mais especificamente) como forma de comunicação e identidade do preso é uma maneira de conhecer um pouco sua história de vida e também de funcionar como imagem de afirmação dentro de um grupo social como é o espaço prisional.

Dentro do ambiente prisional, principalmente, a tatuagem tem significado pautado na identificação do preso em relação ao crime cometido, na sua orientação sexual e na sua religiosidade. Esta marca fixada na derme nem sempre é feita por escolha ou predileção, mas sim por imposição dos apenados dentro da Unidade Prisional. O intuito de é mostrar aos demais apenados, principalmente de grandes presídios ou de outras cadeias, qual o tipo e tratamento o mesmo merece.

Em síntese, conforme já discutido na análise, é preciso conhecer os diversos significados que a tatuagem pode representar, visto que se trata de uma semiose e está vulnerável às distintas interpretações, tal como foi demonstrado acerca da imagem do palhaço, não mais como uma figura infantil, mas como marca de aceitação dentro do espaço prisional e do contexto criminal.

Referências

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org) O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOFFMAN, E. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de Interação*: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011. 255p.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas. 1991.

MOREIRA, H. CALEFFE L.G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. RJ:DP&A, 2006

CHAVES, Karine Belmont. *Tatuagem na Prisão: Estigma & Identidade*. Foz do Iguaçu, 2012.

OSÓRIO, Andréa Barbosa. *O Gênero da Tatuagem: Continuidades e novos usos relativos à prática na Cidade do Rio de Janeiro*. (Tese de doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2006.

PAREDES, Cezinando Viera. *A Influência e o Significado das Tatuagens nos Presos das Penitenciárias*. Curitiba, 2003. Disponível em: [Http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/monografia_cezinando.pdf](http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/monografia_cezinando.pdf). Acesso em: 13 Jan. 2014.

SÁ, Ana Cecylia de Assis. *Estratégias de polidez nas (sócio)interações em situação de seminário: um estudo de faces*. Campina Grande, 2012. (Dissertação de Mestrado)